



DIÁRIO DE BORDO

CONEXÃO PERFEITA

ROBERTO RODRIGUES

Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV (FGV Agro), embaixador especial da FAO para as Cooperativas e titular da Cátedra de Agronegócios da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” da Universidade de São Paulo (Esalq/USP)

QUANDO ESTE artigo estiver circulando, deverá estar terminando a colheita de mais uma safra recorde de grãos. Estarão por se completar apenas a safra de inverno (trigo, aveia e sorgo) e a segunda safra de milho, a antiga “safrinha” e que, hoje, representa dois terços da produção desse cereal nobre e de múltiplas aplicações, entre as quais vem aumentando a fabricação de etanol, com resultados econômicos excelentes.

Pela primeira vez na nossa história agrícola, a colheita de grãos superará 270 milhões de toneladas! É interessante notar que ninguém parece se impressionar com um recorde novo a cada ano, como se fosse algo normal, ou corriqueiro. Não é nada disso: trata-se de um movimento contínuo de inovações tecnológicas geradas na Academia, nas instituições de pesquisa públicas e privadas e nas *start-ups* que surgem como cogumelos nos nossos “Vales do Silício”, como um que temos em Piracicaba sob a inspiração da Esalq/USP. São tecnologias que transcendem as questões agrônômicas ou zootécnicas para avançar em temas mais sofisticados de gestão, sob a onda da digitalização e da conectividade, empurrada por uma juventude imaginosa e brilhante.

Essas inovações são incorporadas pelos produtores rurais brasileiros com rapidez, atendendo as exigentes demandas da competitividade internacional, crescentemente ampliadas por novas barreiras tarifárias ou não tarifárias.

Mas se os números de grãos representam uma vitória das cadeias produtivas, não para aí o sucesso do agro. No ano passado, a produção de cana-de-açúcar foi de 642,7 milhões de toneladas, a de carnes somou 28,0 milhões de toneladas, a de leite 36,3 milhões de toneladas, a de frutas chegou a 40,0 milhões de toneladas

(aí inclusos os quase 15,0 milhões de toneladas de laranja), a de café foi de 3,7 milhões de toneladas, a de pescado 1,3 milhão de toneladas, e a de legumes e hortaliças superou 12,0 milhões de toneladas. Com isso, tem-se a soma de mais de **1 bilhão** de toneladas!!!

Isso sem falar em ovos, cuja produção foi de 53,5 bilhões de unidades.

Fora essa fantástica e honorável numerologia de alimentos, foram produzidos, ainda, 4,37 milhões de toneladas de algodão em caroço, 21 milhões de toneladas de papel e celulose, 6,4 bilhões de litros de biodiesel e 35,7 bilhões de litros de etanol.

Vale lembrar que 51% de toda essa produção passou por cooperativas agropecuárias cuja maioria de associados é composta por pequenos e médios produtores.

Os bons números não terminam aí, pois foram exportados cerca de US\$ 100,8 bilhões somente do agronegócio em 2020, alimentando perto de 800 milhões de pessoas, ou mais de 10% da população do Planeta.

Disso podem se orgulhar todos os brasileiros, e não somente os produtores rurais e seus agentes comerciais. Afinal, todos os fatores de produção (máquinas, implementos, veículos, fertilizantes, defensivos, sementes, crédito, seguro e tecnologia) vêm das cidades, pois é nelas que eles são desenvolvidos ou fabricados. E, depois da colheita feita, o resultado vai para a indústria de alimentos, supermercados ou feiras, portos ou armazéns, que são também urbanos, de modo que a relação entre o urbano e o rural é absolutamente indissolúvel nessa construção de empregos, riqueza e renda que o agro traz para o Brasil. São a cidade e o campo em conexão siamesa. ■

“Pela primeira vez na nossa história agrícola, a colheita de grãos superará 270 milhões de toneladas!”